

Destrua o passado para salvar o seu futuro

TODOS OS NOSSOS ONTENS

CRISTIN TERRILL



SUMÁRIO

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Epígrafe

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

AGRADECIMENTOS

CRISTIN TERRILL

TODOS OS
NOSSOS ONTENS

Tradução:
Bárbara Menezes de Azevedo Belamoglie



Título original: *All our yesterdays*

© 2013 by Cristin Terrill

© 2015 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Terrill, Cristin

Todos os nossos ontens / Cristin Terrill ; tradução Bárbara Menezes de Azevedo Belamoglie. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: All our yesterdays.
ISBN 978-85-8163-780-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-07560 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: www.fundabrinq.org.br



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para minha mãe.

E para minha Marina.

Amanhã e amanhã e amanhã
Arrastam-se nesse passo trivial dia a dia
Até a última sílaba do tempo registrado;
E todos os nossos ontens iluminaram para os tolos
O caminho até o pó da morte.

William Shakespeare, *Macbeth*

UM

Em

Encaro o ralo no centro do chão de concreto. Foi a primeira coisa que vi quando me trancaram nesta cela, e mal desviei o olhar desde então.

No começo, eu estava simplesmente obstinada, arrastando os pés com os finos chinelos de prisão que me deram, de forma que eles fossem forçados a me puxar pelo corredor pelos dois braços. Porém, quando vi o ralo, comecei a gritar. Ele cresceu à minha vista até dominar a pequena cela de blocos de concreto, e eu chutei os homens que me seguravam, tentando arrancar meus braços das mãos de ferro deles. Eu só conseguia conjurar os cenários mais repulsivos como motivo de eles precisarem de um ralo no chão.

Quaisquer que fossem os horrores que eu imaginei, eles não aconteceram — pelo menos, ainda não —, mas o ralo ainda domina minha atenção. É como uma estrela guia para mim, puxando meu foco de volta para ela de novo e de novo. Mesmo agora, estou deitada de lado em minha caminha estreita contra a parede e encarando a coisa como se ainda houvesse algo a aprender com ela. Quatorze centímetros de diâmetro, 32 buraquinhos e um amassado do tamanho de uma moeda de cinco centavos um pouco fora do centro.

— O que você está fazendo? — A voz conhecida está fraca através da ventilação do aquecedor.

— Um bolo.

Ele ri, e o som me faz sorrir. Estou um pouco surpresa por meus músculos ainda se lembrarem de como fazer o movimento.

— Você está encarando aquele ralo de novo?

Não digo nada.

— Em, por favor — ele diz. — Você só vai se enlouquecer.

Mas tenho outra ideia na cabeça.

Hoje, enfim, vou descobrir todos os segredos do ralo.

Ouçó os passos de um guarda se aproximando algum tempo depois. É difícil definir o tempo aqui, sem relógios ou janelas ou qualquer atividade para quebrar o longo fluxo de segundos. Tudo o que tenho para marcar o tempo são minhas conversas com o menino na cela ao lado e o aumento e a diminuição da minha fome.

Meu estômago resmunga com o som das botas contra o cimento. O som é como um sino para um dos cães de Pavlov. Deve ser hora do almoço.

As pesadas portas de metal de correr são abertas e revelam Kessler, o guarda com o rosto que parece a lenta combustão de um incêndio controlado. A maioria dos guardas é indiferente a mim, mas ele me odeia de verdade. Ressente-se de ser obrigado a me servir, eu acho, trazendo minhas refeições e peças limpas das roupas azuis simples que me dão para usar. Isso me faz sorrir. Ah, se ele soubesse com o que eu estava acostumada antes de o mundo desmoronar ao nosso redor como uma casa comida de dentro para fora pela podridão.

Kessler estende a bandeja do almoço para mim, e eu me mexo com rapidez para tomá-la das mãos dele. Quando não sou veloz o bastante, ele a deixa cair com barulho no chão, fazendo pedaços de comida voarem para todas as direções. A falta de dignidade de brigar por qualquer coisa que Kessler me ofereça queima dentro de mim, mas, pela primeira vez, estou ansiosa pela refeição. Embora não pela comida marrom e molenga na bandeja, é claro.

Pelos talheres que vêm com ela.

Kessler se vira para mim com um sorriso cortante e zombeteiro e fecha a porta da cela de novo. Assim que ele se vai, pego a colher e o garfo da bandeja e começo a examiná-los. Não há faca; nunca há. A carne mole não precisa ser cortada, e eles provavelmente têm medo de eu encenar uma tentativa de fuga audaciosa com o utensílio de plástico sem fio, brandindo-o para os homens com metralhadoras do lado de fora da cela.

Coloco a bandeja de lado e me sento com as pernas cruzadas perto do ralo. Tento o garfo primeiro, apertando os dentes em um dos parafusos que seguram a grade no lugar. Como eu suspeitava, são muito grossos para caberem no sulco e, assim, eu jogo o garfo de lado. Ele desliza pelo concreto e para próximo à bandeja.

Minha única esperança é a colher. Aperto a curva dela contra o mesmo prego e, desta vez, a borda fica presa. Prendo a respiração, como se qualquer mudança na pressão do ar da cela pudesse desfazer as coisas, e aperto a colher para baixo, tentando usá-la para afrouxar o parafuso. Ela escorrega. Tento meia dúzia de vezes, mas não adianta; a colher continua escorregando para fora do parafuso, de forma que estou apertando e virando nada além de ar. A curva da colher é muito acentuada para caber na ranhura reta da cabeça do prego, e eu quase lanço a colher contra a parede, frustrada.

Paro com a mão erguida. Respiro. *Pense.*

O cabo da colher é grosso demais para caber no sulco e a base é muito larga, mas... Toco no concreto áspero do chão da cela, que é granuloso e está frio contra a minha palma. Pode funcionar.

Quando Kessler volta para pegar a bandeja, estou esperando por ele. Meu estômago está vazio e doendo, mas eu não toquei na comida. Preciso da bandeja de lavagem completa e intacta. Kessler desliza a porta para abri-la e, assim que o espaço torna-se grande o bastante, eu arremesso a bandeja por ele.

— Isso é nojento! — grito. — Não somos animais!

Kessler se abaixa e a bandeja voa contra a parede atrás dele, fazendo barulho. Ele estremece e solta um palavrão quando pingos de comida marrom e verde salpicam o seu rosto e o uniforme. Eu contendo um sorriso maldoso por meio segundo antes de Kessler levantar a mão e bater com força no meu rosto. Caio no chão, com lágrimas ardentes subindo para os meus olhos com o golpe.

— Vadia louca — ele diz ao me fechar lá dentro.

Só posso esperar que fique tão bravo por ter de limpar a sujeira que não repare na falta da colher.

Espero o quanto posso só para garantir. Uma hora, talvez duas? Depois, puxo a colher de onde eu a escondera sob a espuma fina do colchão. Quebro a cabeça dela, o que deixa uma ponta afiada, e a meço com os dedos, comparando-a com o sulco no parafuso.

Corro até a parede e coloco o rosto perto da ventilação do aquecimento.

— Ei, você está aí?

Ouçó o guincho torturado de molas enferrujadas conforme Finn rola para fora da cama.

— Estou saindo. Você teve sorte de me encontrar aqui.

Aperto os dedos contra as paletas frias da ventilação. Às vezes, é difícil acreditar que apenas 30 cm de concreto nos separam. Ele parece estar tão longe.

Será que ele às vezes toca no seu lado da parede e pensa em mim?

— Você pode cantar? — digo.

— Cantar?

— Por favor?

— Hum, certo.

Confuso, mas disposto. Finn nunca diz não.

— Algum pedido?

— A escolha é sua.

Ele começa a cantar algo que parece de igreja. Um hino, talvez. Eu não soube até depois de tudo ter começado — depois de estarmos na estrada, tudo de nossas antigas vidas deixado para trás como o escapamento puxado pelo caminhão que nos tirava escondidos da cidade —, mas Finn ia à igreja toda semana com a mãe. Ele até gostava. Fiquei chocada com isso na época, embora não possa me lembrar do porquê agora. Talvez porque a religião nunca fez parte da minha vida, ou porque a ideia de oração e almoços e jantares comunitários na igreja e sermões parecesse tão distante do Finn que eu conhecia então.

O Finn que eu *pensava* conhecer então.

A voz dele é boa, um tenor forte com uma textura como algodão frio contra a pele. Você nunca adivinharia só de olhar para ele. Ou, não sei, talvez adivinhasse. Não ponho os olhos em Finn há meses. Talvez ele não tenha a aparência de que me lembro.

Com a voz de Finn reverberando contra as paredes de blocos de concreto até preencher cada rachadura e fenda, pressiono a ponta afiada da colher quebrada contra o concreto. Eu a arrasto para a frente e para trás sobre a superfície áspera, lixando o plástico lentamente. Mexo cada vez mais rápido, o arranhão da colher contra o chão misturando-se com a voz de Finn em meus ouvidos.

Apesar do frio na cela, o suor pinga na minha testa com o esforço. Eu paro e verifico a largura da colher contra o parafuso. Não está fina o bastante ainda, mas está perto. Volto a lixá-la, apertando-a com tanta força que minha mão começa a doer. Vai funcionar; tenho certeza.

Finn para de cantar, mas eu mal reparo, de tão concentrada na minha tarefa.

— Em, o que você está fazendo?

— Vai funcionar — sussurro para mim mesma.

— O quê?

Verifico a colher de novo e, desta vez, a ponta lixada se encaixa com perfeição no sulco do parafuso. Eu a aperto dentro dele e sinto a temperatura do meu sangue aumentar. Uma vozinha fraca no fundo da minha mente me pergunta por que me importo tanto com esse ralo idiota, mas eu mal a escuto por cima das batidas na minha cabeça, como um tocador de tambor guiando soldados para a guerra. Começo a girar a colher, mas o parafuso não se mexe, preso no lugar por anos de sujeira e ferrugem e Deus sabe o que mais. Giro com mais força, tentando fazê-lo se mover, até o plástico ranger e ameaçar se partir.

— Vamos, que droga!

Eu seguro a colher bem na base, o mais perto do parafuso que meus dedos conseguem chegar, e viro. Com um guinchinho, o parafuso começa a se mexer. Eu rio, pequenas bufadas de ar que parecem estranhas, mas maravilhosas, nos meus lábios. Quando o parafuso cede, eu ataco o seguinte e o seguinte, arranhando-os com as unhas até elas sangrarem quando a colher não trabalha rápido o bastante e, por fim, arrancando a grade quando apenas algumas voltas do último parafuso a prendem.

Ela se desprende na minha mão, de repente nada além de uma peça fina de metal, e eu a deixo cair com um baque.

— Em, o que está acontecendo?

Finn parece ansioso agora, mas não tenho tempo para me importar. O ralo está aberto e exposto, enfim. Coloco a mão dentro dele, a parte racional do meu cérebro me dizendo que não vou encontrar nada ali além de um cano frio, mas algo mais profundo e instintivo dentro de mim sussurra sobre... o quê? Propósito? Destino? Outra dessas coisas importantes em que parei de acreditar há anos?

Esse algo não me surpreende quando meus dedos se fecham em volta de um objeto escondido no cano. Meu corpo fica tenso quando uma sensação selvagem e alegre estoura dentro de mim, como se

meus músculos soubessem que devem conter a explosão. Eu puxo o objeto para fora, tirando-o para a luz, e o encaro.

É um saco plástico para comida, antigo e salpicado por anos de marcas de água com minerais e mofo. Um objeto tão mundano — que traz à tona lembranças dos sanduíches de manteiga de amendoim que eu costumava achar enfiados na minha bolsa da academia — parece absurdamente fora de lugar na minha pequenina cela de prisão. Dentro, uma única folha de papel, branca com linhas azuis, como as que eu usava na escola, com uma borda cheia de pontas, indicando que foi arrancada de um caderno.

Abro o saco com os dedos tremendo, sentindo um súbito medo. Eu sabia que havia alguma coisa importante no ralo desde o momento em que coloquei os olhos nele. Não é natural. Nada nisso pode ser bom.

Tiro a folha e dou a primeira boa olhada nela. A cela se torna um vácuo em volta de mim. Tento inspirar e percebo que não consigo, como se todo o ar tivesse sumido.

A página está quase toda coberta de palavras escritas. Algumas linhas estão em tinta, outras, a lápis; as linhas de cima estão tão desbotadas pelo tempo que são difíceis de ler, e as de baixo parecem quase novas. Cada frase, exceto a última, está riscada com linhas finas e cuidadosas.

Há um nome no topo da folha, escrito com letras maiúsculas bem conhecidas, e a linha do final da página é grossa e escura, as palavras entalhadas como se a pessoa que as escreveu tivesse apertado muito a caneta contra o papel.

Essa pessoa era eu.

Nunca vi esse papel antes na vida, mas a letra é com certeza minha: meu *e* cursivo quando todas as outras letras são de forma, meu *k* inclinado e meu *a* magro demais. Alguma parte primitiva minha a reconhece, como um telefone tocando em outro aposento.

Começo a tremer. Neste momento e lugar, uma carta que não me lembro de ter escrito significa algo muito específico.

Porém, é a última linha que me faz correr desajeitada para o vaso sanitário no canto da cela.

Você tem de matá-lo.

DOIS

Em

Fico arfando até meu estômago se entender com o fato de não haver nada dentro de mim para vomitar e, depois, apoio a testa contra a parede fria e limpo a boca com a manga.

Você tem de matá-lo.

Quando fecho os olhos, ainda posso ver as palavras. Estão queimadas dentro de mim, mas não posso aceitá-las. Tem de haver outro jeito. Não sou tão dura.

Ainda não.

Longe, no corredor, ouço o barulho metálico de uma porta. Alguém está se aproximando. Levanto-me de repente e me jogo para o ralo. Não sei o que o doutor fará se descobrir que eu o arrombei, e se ele vir o papel...

A ideia faz gelo correr pelas minhas veias. Ele vai me matar com certeza.

Com as mãos desajeitadas pela pressa, quebro a colher em vários pedaços e os jogo pelo ralo. Agora consigo ouvir um par de botas pesadas contra o cimento. Bato a grade de volta no ralo e recoloco os parafusos da melhor maneira que posso com as pontas dos dedos e as unhas. Pego o saco plástico e o pedaço de papel e me atiro no colchão. Jogo os dois debaixo dele assim que o rosto de Kessler aparece na pequena janela da porta da minha cela.

— Cadê a colher? — ele diz.

Ótimo. Kessler não é tão idiota quanto eu esperava.

— Não sei do que você está falando — digo, inclinando a cabeça para trás, despreocupada.

Eu me forço a tomar fôlegos normais e regulares, embora meus pulmões estejam queimando com o intenso esforço.

Kessler vira-se para a direita, conversando com alguém que eu não consigo ver. Alguém que não está usando botas militares e, por isso, não ouvi se aproximar. Os dedos dos meus pés se enrolam dentro dos chinelos.

Kessler vira-se de novo para mim.

— Sabemos que você está com ela. Entregue-a.

Bem, não era mais uma opção. Eu teria de desenterrar os pedaços do ralo e, depois, eles vasculhariam a cela toda para encontrar o que eu estava escondendo. Se encontrarem aquele pedaço de papel com uma longa lista de ameaças com a minha letra, estou morta.

Além disso, nunca darei a esses homens nada do que eles querem, não importa quão pequeno seja.

Dobro os braços atrás da cabeça.

— Vão se ferrar.

— É só uma colher de plástico, menina. — É a voz do doutor, abafada pela porta. — O que você vai fazer com ela, cavar um túnel para sair daqui?

Levanto-me de repente ao ouvir aquela voz.

— Vai para o inferno!

— Em? — É Finn, pela ventilação do aquecimento. — O que está acontecendo?

— Última chance.

Eu cuspo na janela da cela. Minha pele está elétrica de fúria. A qualquer segundo, a porta será deslizada e aberta, o doutor vai entrar e algum novo horror vai começar. Tudo por causa de uma

colher de plástico. Minhas pernas tremem com a necessidade de correr, mas não há para onde ir.

Além disso, eu consigo aguentar.

— Abra — o doutor diz.

Ouço o barulho de chave na fechadura, o ronco de uma porta deslizando, mas a minha não se mexe. A compreensão chega um momento depois do que deveria.

— Não!

Eu me jogo na porta trancada, meus punhos dando batidas ocas contra o metal.

— Deixe-o em paz! Finn!

Do outro lado da parede, Finn grita de dor. Ouço o chiado fraco da arma de choque militar especial que o doutor prefere usar para não sujar suas belas mãos. Ela tem uma porção de configurações, algumas das quais podem deixar uma pessoa inconsciente ou parar instantaneamente um coração. Já experimentei a primeira e vi a segunda, e a ideia daquele aparelho sendo usado em Finn me deixa louca. Grito o nome dele e me jogo na porta de repetidas vezes.

O doutor aparece na janelinha na porta da minha cela, e eu dou um salto para trás como se tivesse medo de que ele coloque a mão através do vidro e agarre meu pescoço. Não que ele precise fazer isso. Só de ver o rosto dele, sinto como se estivesse me esganando até a morte.

— Você pode fazer isso parar a qualquer momento — ele diz.

Parece o mesmo de sempre. Duvido que eu fosse me reconhecer em um espelho, mas o tempo o deixou intocado. A voz dele se suaviza, tornando-se algo parecido com gentileza.

— Só me dê a colher.

Eu o encaro com olhos embaçados e em chamas. Finn está gemendo de dor agora, e não há nada que eu possa fazer, porque

aquele papel acabaria com nós dois. Engulo em seco e sinto gosto de bile.

— Não estou com ela. O Kessler deve ter perdido.

O doutor parece triste e, meu Deus, eu o odeio por isso. Depois, ele inclina a cabeça e Kessler faz algo que leva Finn a gritar.

Minha voz está rouca e as laterais dos meus punhos estão em carne viva por bater nas paredes quando Finn silencia. Os passos pesados de Kessler e os leves do doutor passam pela minha cela e, depois, o som vai sumindo. A culpa me enche como chumbo e deixa meus movimentos lentos e cansativos conforme puxo o travesseiro e o fino cobertor de algodão da cama e me enrolo no chão frio perto da ventilação.

— Finn? — suspiro. — Está aí?

Silêncio. Ele me odeia tanto quanto eu me odeio agora?

— Finn?

— Acabei de chegar em casa. Saí para comprar pizza.

Eu desato a chorar.

— Ei — a voz dele está suave e rouca. — Ei, tudo bem.

— Cale a boca! — eu grito. — Não tente me consolar! Acabei de fazer com que você fosse *torturado*!

— Xiu, Em, estou bem.

— Não está!

— Eu *estou*. Eu só...

— O quê?

Ele suspira.

— Eu só queria poder ver você.

Eu corro para perto da parede, até estar apertada contra ela, e abro os dedos contra os blocos de concreto como se fosse ele que

eu estivesse tocando. É bobo, e fico feliz por ele não poder ver, mas faz com que eu me sinta um pouco melhor.

— Eu também.

— Lembra o tempo em que você me odiava?

Eu rio-fungo-soluço.

— Bem, você era insuportável.

— Acho que *incorrigível* é uma palavra melhor.

Encosto a testa contra a parede e me deixo imaginar por um momento que é o ombro dele, quente e firme, ao meu lado.

— Você é tão convencido.

— Ei, eu acabei de ser torturado por você. Controle o ego.

— Finn...

— Xiu — ele diz baixinho. — Agora, diga para mim como você estava errada naquela época e como eu sou maravilhoso.

Ele é maravilhoso. E não merece isso.

Nem eu.

— Eu vou matá-lo — falo baixinho.

— É, eu sei.

— Não, estou falando sério. Nós vamos sair daqui — digo —, e eu vou matá-lo.

Explico tudo — o ralo, o papel e a mensagem no final — em um sussurro pelas pás da ventilação. O silêncio de Finn é espesso e sólido como a parede entre nós. Tento imaginar a figura dele. Cabelos loiros bagunçados provavelmente precisando demais de um corte, formando cachos em volta das orelhas e da nuca. Olhos azuis arregalados e sem foco por causa do choque. Ou são verdes? Não, com certeza azuis. Azuis como a água profunda e limpa. Boquiaberto, mas, não importa o quanto eu tente, não consigo me

lembrar de como a boca dele é. Lábios finos ou cheios, rosa ou pálidos?

Eu nem tenho mais certeza de como é a *minha* aparência.

— Nós vamos conseguir? — ele enfim pergunta.

Nós vamos conseguir matá-lo é o que ele quer dizer, mas talvez não consiga pronunciar as palavras.

— Não tenho certeza se temos outra escolha.

— Mas, primeiro — ele diz —, temos de fugir daqui. Voltar. Acha que é possível?

— A julgar pelo bilhete, já fizemos isso 14 vezes.

— Como?

— Não sei. Mas tenho certeza de que eu teria me contado se eu precisasse saber.

Ele ri.

— Não consigo acreditar na insanidade dessa frase.

— Não consegue?

Tenho inveja do dom de Finn em encontrar humor em todas as situações. Mas nada nesta situação é engraçado para mim.

— Em...

— Não me diga que não temos de fazer isso.

Devo ter tido uma razão muitíssimo boa para escrever aquela frase, e a criaturinha perturbada dentro de mim, aquela formada por toda minha raiva e amargura, não se arrepende.

— Não me diga que há outro jeito.

— Na verdade, eu ia perguntar o que você está vestindo.

Mordo o lábio para interromper o sorriso. Certo, *isso* foi meio engraçado.

— Meu Deus, sinto saudades de você — eu digo e, no mesmo instante, desejo retirar as palavras.

Viro o rosto para longe da ventilação, com um medo irracional de que ele me veja corar.

— Eu sei — ele fala, a voz suave.

Eu o imagino apertando a mão no outro lado da parede.

— Mas estou bem aqui.

Dias se passam. Finn e eu gastamos o tempo que separa as três refeições conversando sobre o que eu descobrira.

— Para que dia temos de ir? — ele enfim pergunta.

Nós dois temos evitado o assunto. É doloroso, e já temos muita dor.

— Tenho pensado sobre isso — digo. — Precisamos estar lá no dia 4 de janeiro. Quatro anos atrás.

Silêncio.

— *Sério?*

Entendo a hesitação dele. Também não é uma época que eu queira reviver.

— Não podemos fazer isso antes de ele ter descoberto a fórmula — eu afirmo. — O paradoxo seria tão enorme que não temos como prever o que aconteceria. Tem de ser depois.

— Certo — ele concorda —, mas por que no dia quatro?

— Porque ele nunca vai pensar em nos procurar lá — explico. — Lembra quando eu peguei os documentos?

— É claro que sim. Foi naquele dia.

— Mas o doutor não sabe disso — digo. — Ele acha que eu os encontrei por acaso algum tempo depois. Sabe por quê?

— Por quê?

— Porque ele *não se lembra* de ter descoberto a fórmula naquele dia. Ele acha que a escreveu três dias depois, no dia sete.

— Então, se vamos para o dia quatro — Finn diz —, teremos pelo menos três dias antes de ele estar esperando por nós.

— Exato. — Eu suspiro. — Além disso, ele estará fraco por causa do que acabou de acontecer. Se demormos mais, ele estará muito poderoso. Muito protegido.

Finn concordou. Ele sabe tão bem quanto eu que nenhum outro momento nos dará uma chance tão boa. Nós repassamos tudo, definindo com antecedência cada detalhe que podemos. No final, eu memorizei cada palavra riscada do bilhete e acho que sei a cadeia de eventos que o trouxe até as minhas mãos. Não me lembro dos acontecimentos que me fizeram escrever aquelas linhas, mas aquelas versões passadas de mim mesma, cópias de mim que não existem mais, deixaram-me pistas suficientes para descobrir.

Sem mais nada para discutir e sem o ralo para me deixar obcecada, não há nada a fazer além de encarar o teto. A comida ruim, a dor, até as visitas do doutor, eu posso suportar. Mas esse tédio? Essa espera para *algo* acontecer? Tenho certeza de que vai me enlouquecer.

— Finn, você está acordado? — eu digo, rolando para ficar de lado.

Nenhuma resposta. A capacidade dele de dormir em qualquer circunstância me admira. Ele deve passar 16 horas por dia dormindo só para afastar o tédio.

— Você é um chato — eu sussurro.

Encaro a porta por um tempo para dar um intervalo ao teto. De alguma forma, um dia desses, eu *devo* sair desta cela. Pelo menos, já saí antes, cada versão anterior minha que escapou e contribuiu para o bilhete sob meu colchão. Como eu faço isso? Queria poder me lembrar dos eventos que aquelas outras Ems vivenciaram, porque escapar parece impossível. Eu passo cada opção em minha

cabeça pela centésima vez. Poderia dominar o guarda que traz as refeições, ou agarrar o doutor quando ele vier para uma das suas visitas à meia-noite e usá-lo como refém. Isso me tiraria da cela e, talvez, tiraria Finn da cela dele. Porém, mesmo se pudéssemos fazer isso — e, vamos encarar, é uma grande dúvida —, ainda há uma gigantesca unidade do governo para além da minha cela na qual só dei uma olhada, meses atrás, no dia em que me arrastaram para cá. Está cheia de soldados armados entre mim e Cassandra, mesmo se eu soubesse aonde ir, o que definitivamente não sei. Todo plano que crio leva a um beco sem saída ou a uma bala na cabeça.

Como todo o resto, contemplar minha fuga e/ou morte acaba ficando entediante. Tão entediante que fico quase aliviada quando a porta é aberta, revelando o doutor e o homem que Finn e eu apelidamos de “o diretor”, o mestre das marionetes que puxa as cordinhas do doutor.

Quase.

Finjo bocejar, porque sei que isso o irrita, mas meu coração está disparado.

— Já está na hora de novo?

O diretor inclina a cabeça, e um soldado avança para me puxar, colocar-me em pé e me sentar na cadeira dobrável de metal que trouxeram com eles. Ele prende minhas mãos nos suportes da cadeira com o mesmo tipo de lacres de plástico que nosso jardineiro costumava usar nas roseiras.

— Os pés dela também — o diretor diz.

Estou satisfeita por ver que ele se lembra do que aconteceu da última vez.

Depois de a adolescente indefesa cercada pelos homens com metralhadoras estar adequadamente contida, o interrogatório começa. Eu costumava contar quantas vezes o doutor e o diretor me visitavam para um dos nossos papinhos — achando que cada

vez poderia ser a última, que a paciência deles poderia se desgastar e eles finalmente me matariam —, mas perdi a conta por volta dos vinte e poucos. Isso foi semanas atrás.

— Onde estão os documentos? — o diretor diz.

— Você nem vai me perguntar como foi o meu dia primeiro? Sua mãe não lhe deu bons modos?

O diretor me dá um tapa no rosto. Diferente do doutor, ele não se importa de sujar as mãos. Minha visão embaça. Os filmes não me prepararam para isso, para o quanto levar um tapa realmente machuca e, de alguma forma, ainda é sempre um choque.

— Não tenho tempo para os seus joguinhos hoje — o diretor diz.
— Precisamos saber onde os documentos estão. Para quem você os deu? China? Índia?

— Vidas dependem disso — o doutor fala em voz baixa do canto da cela, como se ele se importasse.

Eu jogo um beijo para o diretor o melhor que posso sem usar as mãos. Sei muito bem que, no momento em que eu contar a eles onde os documentos estão, vou perder minha última chance de barganha. O fato de eu ter essa informação não foi a única coisa que manteve Finn e eu vivos por tanto tempo. Mesmo quando eu gostaria de desistir e aceitar minha morte de uma vez, saber que também tenho a vida de Finn nas mãos me faz ficar em silêncio. Não importa o que eles façam.

E eles fazem o pior que podem.

Tenho certeza de que meus gritos acordam Finn do seu cochilo, mas, pelo menos, eu não abro mão de nós.

TRÊS

Em

Outro dia passa. Só estou meio acordada, encarando o teto, tentando enxergar as rachaduras que sei que estão lá na fraca luz azulada vinda do corredor. Passo os dedos pelos meus machucados sem prestar atenção. Pela sensação quando os aperto com os dedos, acho que devem estar daquele vermelho-arroxeadado que se parece com a roupa de cama do nosso antigo quarto de hóspedes. Minha mãe sempre gostou daquela cor. Suspeito que tivesse algo a ver com a afinidade dela por um bom cabernet.

Ouçõ botas no corredor e franzo as sobrancelhas. Não estou com fome; já está na hora do café da manhã? Mas, não, as luzes ainda estão apagadas.

Minha porta é aberta devagar, e o guarda atrás dela é um que só foi destinado a nós há pouco tempo. Eu gosto dele. Ainda há o brilho de um mínimo de decência humana nos seus olhos e, diferente de Kessler, ele sempre me entrega as refeições e até diz obrigado às vezes quando eu devolvo a bandeja. Não tenho certeza do nome dele. Connor? Cooper?

— Quando você era pequena — ele diz, parado na entrada —, tinha um amigo imaginário chamado Miles. Ele era um canguru roxo.

Eu me levanto de repente.

— O quê?

— Vamos. Nós temos de ir.

— O que você quer dizer?

— Vou tirar você daqui.

Minha boca fica seca, e minha língua de repente parece grande demais para ela. Era isso que eu estava esperando. A forma de sair. Nunca contei a ninguém sobre Miles, em toda a minha vida.

Exceto, aparentemente, para esse guarda.

— E quanto ao Finn? — pergunto.

— Ele também. Depressa.

Fico em pé de um salto e minhas pernas estão surpreendentemente fortes abaixo de mim. Coloco a mão sob o colchão e tiro o pedaço de papel no saco plástico, enfiando-o no bolso. O guarda — Connor? — já se foi, a caminho de libertar Finn. Ando na direção da porta da minha cela devagar. Está escancarada. Toco a moldura dela com as pontas dos dedos, examinando o lugar onde as paredes que têm sido meus limites há tanto tempo acabam e viram nada. Dou um passo hesitante para atravessar e, por um segundo idiota, acho que posso chorar.

Ouçõ o chacoalhar de uma chave em uma fechadura e me viro, vendo Connor se esforçar para abrir a cela de Finn. Ah, meu Deus. O entendimento cai sobre mim como aquela onda maldita na Ilha Kiawah que tirou o ar dos meus pulmões: estou prestes a ver Finn.

Connor enfim consegue abrir a fechadura e empurra a porta, e tudo perde velocidade até o silêncio entre cada batimento do coração em meus ouvidos ficar longo e ensurdecido. Se eu reagi à nossa repentina liberdade como um animal que se esquecera do mundo fora das suas barras, Finn sai voando da cela como um pássaro de uma gaiola. Mal tenho tempo de olhá-lo antes de ele se chocar comigo em um emaranhado de braços e pernas, abraçando-me com tanta força que mal posso respirar e não me importo.

— Ah, meu Deus — ele diz repetidas vezes. — Ah, meu Deus.

— Deixe-me olhar para você.

Eu me afasto e coloco as mãos nas bochechas dele, examinando seu rosto. Olhos azuis, é claro. E como pude esquecer essa boca? Lábios finos e pálidos com um canto torto sempre sugerindo um

sorriso de gozação. Meu Deus, como nunca notei antes o quanto ele é bonito?

— Você precisa cortar o cabelo.

Ele esfrega a lateral do polegar na maçã do meu rosto.

— Você está linda.

Eu tive medo por anos. Fugindo, isolada de todos que amo e, depois, trancada nessa cela, torturada e interrogada com a ameaça de morte sempre pairando sobre meu ombro. Mas juro que nunca tive tanto medo quanto no momento em que Finn se inclina para a frente para me beijar pela primeiríssima vez.

Ele encosta os lábios nos meus com tanta delicadeza que acho que deve ter medo de que seja um sonho que se dissolverá na melhor parte. As mãos dele apertam mais as minhas costas, puxando-me para perto, e, por um segundo, todo o meu receio some.

— Desculpe — Connor diz —, mas temos de ir andando.

Finn me lança um olhar tímido enquanto nos desenroscamos, e Connor puxa a arma conforme começa a seguir pelo corredor. Pego a mão de Finn e entrelaço nossos dedos. Agora que ele está ao meu lado, não quero perdê-lo de novo, nem por um segundo.

Connor nos guia, e nós o seguimos de perto. Minha cabeça está em movimento constante, absorvendo tudo ao nosso redor. É meu primeiro vislumbre do lugar desde que nos trancaram ali há sei lá quantos meses, e eu não estava em condições, naquele momento, de reparar no cenário. Há mais três celas perto da minha e da de Finn, reforçadas como as nossas com paredes de blocos de concreto e portas de metal, mas estão vazias. O resto do corredor parece ser usado para armazenamento, e é tão banal que estou chocada e até um pouco ofendida. Parece que o doutor empacotou Finn e eu com o resto do lixo velho, como uma caixa de roupas de inverno guardadas durante o verão e depois esquecidas.

— Onde estão todos? — eu sussurro depois de passarmos pela porta trancada que separa nosso corredor do resto da instalação. Até agora, não vimos um único soldado.

— Está no meio da noite, turno reduzido — Connor diz por cima do ombro. — E eu coloquei uma droga no bule de café da sala de intervalo.

— Sabe — eu digo —, estou começando a gostar de você.

— Não decida isso até chegarmos a Cassandra.

Nós nos esgueiramos até o coração da unidade, que agora eu vejo ser enorme. Connor precisa ter cuidado para evitar que suas botas façam barulho contra o chão de concreto, enquanto Finn e eu caminhamos em silêncio com nossos finos chinelos de prisioneiros. Minha respiração fica mais difícil a cada passo, o centro do meu peito queimando com o esforço. Não percebi o quanto viver em uma cela com apenas quatro passos de comprimento estava prejudicando meu corpo até este momento. Olho para Finn para ver se está começando a suar e tremer como eu, mas ele não parece estar afetado. Provavelmente tem feito exercícios na cela, esse cretinho vaidoso.

Agora estou desejando ter pensado nisso.

— Você está bem? — ele pergunta.

Eu estava diminuindo o ritmo, e ele agora está me puxando para a frente pelo ponto onde nossas mãos ainda estão presas uma na outra. Faço que sim com a cabeça, respiro fundo e me forço a apertar o passo.

Estou tão concentrada em colocar um pé na frente do outro que não ouço a porta se abrir na outra ponta do corredor nem vejo o homem de cabelos escuros que passa por ela. Mas Connor vê. O braço dele bate em meu peito, jogando Finn e eu para o recuo de outra porta, e eu só tenho um vislumbre do homem conforme recuo, saindo de vista.

É o doutor. Eu me grudo contra a porta e tento controlar minha respiração irregular.

Connor anda em direção a ele, o terror me corta como uma faca. De repente, tenho certeza de que isso foi alguma armação do doutor, outro truque para nos enfraquecer. Connor vai nos entregar de volta para ele agora, e nunca deixaremos nossas celas de novo. Sou tomada pelo desejo louco de correr.

Talvez sentindo o que estou pensando, Finn aperta minha mão, segurando-me no lugar.

— Connor, o que você está fazendo nesta parte do prédio? — ouvimos, do nosso esconderijo precário, o doutor perguntar. Tudo o que ele precisa fazer é dar alguns passos na nossa direção e o recuo na parede não vai mais conseguir nos esconder. — Não devia estar vigiando os prisioneiros?

— Sim, senhor. Abrams está cobrindo para mim. O sargento me mandou procurá-lo.

O doutor suspira, irritado.

— Nem estou no horário de trabalho; só vim terminar uma papelada. Do que ele precisa?

— Não tenho certeza, senhor. Tudo o que ele disse foi que precisava vê-lo na central de comando.

Passos se aproximam de nós. Não as botas de sola pesada de Connor, mas o que eu apostaria a minha vida ser um fino couro italiano. Eu me aperto com tanta força contra a porta atrás de mim que terei novos machucados para acrescentar à minha coleção, se sobreviver a esta noite.

— Preciso ir ao meu escritório primeiro — o doutor diz —, e depois...

— Ele disse que era urgente, senhor.

Os passos param.

— Tire a mão de mim, soldado.

Ah, meu Deus. Eu fecho minha mão livre em um punho. Se o doutor vier nesta direção, pelo menos posso machucá-lo um pouco antes de ele me matar.

— Desculpe, senhor — Connor diz, com a voz trêmula. — Só quis dizer que o sargento precisa muito do senhor, e não há tempo...

O silêncio se alonga e, com os olhos fechados, quase posso ver a expressão de avaliação no rosto do doutor enquanto ele olha para Connor. Aos meus ouvidos, Connor parece absurdamente culpado, e o doutor teria de ser surdo para não perceber que algo está errado. Só posso esperar que sua falta de atenção com as pessoas e sua própria noção de invencibilidade prevaleçam.

— Certo — o doutor enfim diz. — Vou para o centro de comando, e você, volte para aqueles prisioneiros. Da próxima vez, lembre-se de se pôr no seu lugar.

— Sim, senhor.

O passo mais leve do doutor se afasta de nós, e eu solto a respiração que estava segurando.

— Temos de ir agora — Connor diz quando volta para nós. — Ele vai saber que aconteceu alguma coisa quando chegar ao centro de comando e ninguém estiver lá. Mas fica do outro lado do prédio, e Cassandra está perto.

Corremos pelos corredores, Connor três ou quatro metros à frente para procurar outros soldados e Finn praticamente me arrastando consigo. Quando paramos, eu me curvo, apoiando as mãos nos joelhos enquanto me esforço para recuperar o fôlego. Finn esfrega minhas costas em círculos pequenos e tranquilizadores, mas a atenção de Connor está concentrada por inteiro à nossa frente. Ele está com a arma recolhida contra o peito, posicionado em uma virada do corredor. Leva um dedo até os lábios.

— A sala de controle fica logo virando aqui — ele sussurra. — Vai ter vigias... Não posso fazer nada quanto a isso... Então, vocês dois, fiquem para trás.

Finn fica tenso ao meu lado.

— O que você vai fazer?

— Isso importa? Depois de vocês voltarem, nada disso vai ter acontecido, certo?

Eu engulo outra golfada de ar.

— Essa é a ideia.

— Não se mexam.

Connor enfia a arma de volta no coldre e vira o corredor correndo. Nós o ouvimos gritar, seguido pelo som de punhos batendo em vidro. A sala de controle. Finn coloca o braço em volta dos meus ombros, e eu me enfio junto ao corpo dele. Meu Deus, ele está quente. Faz tanto tempo que eu tinha esquecido como uma outra pessoa pode ser quente.

— Incêndio na Ala A! — Connor grita. — Precisamos de todas as unidades. Vamos!

Há uma pausa e, depois, o assobio quase imperceptível de uma porta de abrindo.

— Não teve alarme — um soldado diz —, nem chamado pelo rádio.

— Não podemos sair do nosso posto — um segundo acrescenta.

O estouro repentino de dois tiros reverberando nas paredes duras é ensurdecidor. Eu cubro a boca com as mãos.

— Vamos! — Connor grita.

Finn começa a correr, então eu corro também, virando pelo corredor e me aproximando da sala de controle, que é cercada do chão ao teto por vidro à prova de balas. Os dois soldados estão caídos na entrada, uma poça de sangue escuro embaixo deles, espalhando-se a cada segundo. Eu nunca poderia ter imaginado tanto sangue. Os filmes também não me prepararam para a visão de dois homens cujas cabeças foram estouradas.

Connor está em pé dentro da sala de controle, do outro lado dos corpos desmoronados dos guardas. O rosto e o uniforme dele estão salpicados de sangue, e eu estremeço quando ele estende uma das mãos para mim. É a mão direita, a que ele usou para atirar, e os espirros deixaram uma sombra de pontinhos vermelhos na pele. Eu me forço a aceitá-la, e ele me ajuda a pular por cima dos corpos dos homens mortos. Finn pula depois de mim, mas seu pé desce na borda da poça crescente de sangue e escorrega, fazendo-o se esparramar no chão. Eu o ajudo a levantar, e ele chuta e se livra dos chinelos ensopados.

— Peço a Deus que vocês saibam como essa coisa funciona — Connor diz, encarando as fileiras e mais fileiras de maquinário e luzes piscantes no console. Acima deles, há uma janela de observação que dá para uma segunda câmara, menor, acessível apenas por uma porta no canto da sala de controle. A salinha é uma visão chamativa, sinistramente despida de cor e textura, uma caixa lisa e vazia em tons de cinza.

— Tenho uma ideia — digo. — Alguém costumava alugar meus ouvidos falando disso. Finn, você pode...

— Pode deixar — ele diz, já escorregando para a cadeira em frente ao principal terminal de computador. — Se eu sei alguma coisa sobre o nosso doutor, o sistema foi projetado para ser simples de usar.

Finn começa a bater no teclado, uma leve ruga de concentração cruzando sua testa. Sei que ele vai ficar irritadiço e estressado se for interrompido, então me viro para Connor.

— Obrigada por fazer isso.

Ele limpa as costas das mãos nas calças.

— Sem problema.

— Por que está nos ajudando? — pergunto. — Digo, como eu convenci você? Vou precisar saber.

Ele encolhe os ombros.

— Eu não passava de um segurança, e você me deu a chance de ser herói. Além disso, algumas das coisas que eu vi...

— Está ruim lá fora?

— Muito ruim.

Connor parece assustado, e isso me aterroriza. Esse é um homem que, com toda a calma, drogou seus colegas bem armados e simplesmente atirou na cabeça de dois homens sem piscar, mas o que quer que esteja acontecendo no mundo lá fora o faz apertar os lábios e ficar tenso. Quando Finn e eu fomos capturados, drones americanos estavam atacando a China, Israel estava em um impasse nuclear com a Síria e um bom pedaço de Houston tinha acabado de ser varrido do mapa. Era difícil imaginar que as coisas pudessem piorar.

Mas acho que pioraram.

— Você acha mesmo que pode mudar tudo isso? — Connor pergunta, e posso ver agora o desespero escondido no fundo dos seus olhos.

Passo os dedos pelos cantos do saco plástico no meu bolso.

— Acho que não vamos parar até conseguir isso.

— Ah, pegue — ele diz, colocando a mão no próprio bolso. — Quase esqueci. Você vai precisar disso.

Ele pega a carteira e tira do espaço para fotografias a pequena foto de uma mulher com cabelos cor de mel e um sorriso alegre cheio de dentes. Ele a entrega para mim.

— O que é isso?

Ele abre um sorriso largo.

— Essa é a verdadeira forma como você me convenceu a ajudar.

Eu sorrio.

— Oh. Ela é bonita.

— E ela disse sim a um fracassado como eu, dá para acreditar?
Coloco a foto no meu bolso junto com o bilhete no saco plástico.

— Dá, sim.

— Certo, entendi — Finn diz, batendo nas últimas teclas. — Tudo está basicamente automatizado, então só preciso colocar a data e, depois, Connor pode ligar o colisor quando estivermos dentro.

— Espere — Connor diz. — Se você colocar uma data, ele não vai seguir os dois direto? Ou aparecer dez minutos antes de vocês e atirar assim que vocês surgirem?

— Já pensamos nisso — eu digo.

— Conheço um código que vai esconder a data real que usarmos e mostrar outra coisa — Finn diz. — Você tem *certeza* quanto ao dia quatro de janeiro, Em? Última chance.

— Tenho certeza.

— Certo — Finn diz. — Vou fazer parecer que fomos para o dia sete. É quando o doutor vai nos esperar, e deve nos dar bastante tempo para cuidar das coisas antes de ele voltar atrás de nós.

— Como eu ligo o colisor? — Connor pergunta.

— Depois de entrarmos na câmara — Finn aponta para o botão VOLTAR —, aperte isto. A programação automática fará o restante. O acelerador leva cerca de dois minutos para deixar as partículas na velocidade certa para a colisão e, depois disso, devemos desaparecer.

— Parece bem fácil — Connor comenta.

Eu contendo a vontade histórica de rir.

— Acho que não resta nada a dizer, a não ser, sabe, boa sorte.

Finn aperta a mão de Connor, e ele e eu andamos para o lado mais distante da sala de controle, onde a porta para a câmara interna está. Quando Finn a abre, uma sirene de estourar os tímpanos explode pelo prédio. Minhas mãos voam para as orelhas e

curvo meu corpo, fugindo do som ensurdecedor, e Finn solta um palavrão.

— Entrem! — Connor berra por cima do estrondo. — Antes que eles desçam aqui! Vou segurá-los!

Connor bate a porta da câmara interna atrás de nós. Puxo Finn comigo até o meio da sala, para nós dois ficarmos em cima do grande círculo preto que marca o centro de Cassandra, o colisor de partículas subatômicas com quilômetros de comprimento que foi construído bem fundo no subsolo deste prédio. Connor faz uma barricada na porta da câmara, tombando o que parece um rack preto de servidor de backup em frente a ela. A sirene é tão alta que nem ouço a batida do servidor atingindo a porta. Connor corre de volta para o computador e o choro da sirene ganha a companhia de outro som, um ronco tão baixo que acho que poderia estar imaginando-o até as vibrações subirem do colisor milhares de metros abaixo de mim e chegarem aos meus pés. A energia fica zumbindo em volta de Finn e de mim, erguendo os cabelos da minha nuca e causando arrepios pelos meus braços.

É apenas o começo, eu sei. Nunca fiz essa viagem que aquelas 14 versões passadas de mim fizeram, mas a ouvi ser explicada vezes suficientes para saber o que vem depois. Quando as partículas que estão rodopiando abaixo dos meus pés pelos quilômetros de canos, grandes o bastante para darem passagem a um caminhão, enfim baterem umas nas outras quase na velocidade da luz, a explosão será tão poderosa que partirá o próprio tempo.

De repente, fico com muito medo. Não da explosão, que desafia minha compreensão, mas do que terei de fazer quando ela acabar. Do motivo de tudo isto.

Você tem de matá-lo.

Ou Finn sente meu medo ou ele também está assustado, porque põe as mãos nas minhas bochechas, fazendo-me olhá-lo nos olhos.

— Vai ficar tudo bem — ele diz, e as palavras mal podem ser ouvidas naquele barulho.

Porém, tudo fica quieto depois, pelo menos para mim. De alguma forma, encontro silêncio nos olhos azul-escuros de Finn. Meu Deus, como eu sobrevivi tanto tempo naquela cela sem conseguir ver esses olhos?

Uma compreensão repentina me atinge. Algo tão óbvio, não consigo acreditar que não pensei nisso até agora. Meu coração se parte e espalha uma tristeza quente como o fogo pelo meu corpo.

— Finn — eu digo, e conto para ele a coisa terrível que enfim entendi, tarde demais para fazer algo a respeito.

Ele olha nos meus olhos e me diz por que não preciso me preocupar. Eu memorizo as palavras e me agarro a elas.

Por cima do ombro dele, tenho um vislumbre de movimento, e o mundo e seus barulhos estão de volta. Os soldados chegaram. Enquanto não estávamos olhando, Connor tirou os corpos dos mortos da porta e fechou a sala de controle, mas a porta é uma barreira insignificante para eles. Eu observo horrorizada quando os soldados a abrem com um golpe. Connor atira na massa de corpos que lota a entrada, derrubando soldado após soldado, mas eles têm mais gente e mais armas. Logo Connor é dominado. Escondo o rosto contra o peito de Finn depois de uma saraivada de tiros jogar Connor para trás e ele cair no chão.

Mas não posso desviar o olhar por muito tempo. Soldados estão jorrando para dentro da sala de controle. A maioria vai direto para o rack de servidor jogado contra a porta da câmara interna. Se eles a abrirem, Cassandra vai desligar automaticamente, deixando-nos enclausurados aqui.

Mas a visão que realmente me enche de medo é o doutor entrando na sala depois dos soldados. Nossos olhos se encontram através do vidro de 10 centímetros da janela de observação da câmara, e a fúria no seu rosto me faz tremer até a medula. Acho que ele deve saber o que eu planejo fazer. Mesmo se escaparmos, sei que aquele olhar vai me assombrar através do tempo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Todos os Nossos Ontens" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).